VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

ANO V-N.º 225
6 DE SETEMBRO 1945
PREÇO AVULSO 1$80

— ESTÁS UM AMOR, GRACINHA! E A GRACINHA SORRI, ENCANTADA COM O GALANTEIO...

(Ver reportagem «Crianças sôbre a areia»)

## 6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE.

VER AS CONDIÇÕES DO NOSSO CONCURSO NA PAG.

VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL, EDITORA, LIMITADA"

PRIMEIRA COLUNA

# O cão e o gato

Por ANÍBAL NAZARÉ

ASSISTIMOS, ontem, a um engraçado conflito entre um cão e um gato. Bem... um conflito entre um cão e um gato é sempre engraçado. O cão ladra muito, faz imenso barulho, e o gato apenas assopra — como quem diz que a coisa está a aquecer... Mas, de repente, amigo gato atira um salto e o cão foge, a ganir afflitivamente.

Ontem, não foi bem assim. O cão ladrava e o gato assoprava, mas ambos deviam estar cheios de médo um do outro. Porque, durante muito tempo, mediram fôrças, saltaram ôbviamente; pueram-se nas mais incrivels posições, deram saltos inverosimeis — mas nada de tocarem um no outro!

Juntou-se gente na rua, que lado de um cão e um gato à bulha é sempre, para a gente da cidade, grande acontecimento.

Mas a ninguém os dois bichos deram o prazer de se pegarem, de se magoarem a sério — como fazem os homens quando se zangam...

Até que alguém, duma janela, despejou sôbre os contendores um jarro de água fria, que acalmou, instantâneamente, os seus instintos belicosos...

Lá foram, um para cada lado, encharcados e vechados, e o povo afastou-se, rindo...

* * *

Esta questão entre o cão e o gato lembrou-me a mim, que assistia, de parte, certas questões entre países...

Barafustam, medem fôrças, avaliam das concessões a pedir um ao outro...

Só o que falta, quási sempre, é o refrescante e salvador jarro de água fria...

FOI o aoreano João Teixeira Soares quem organizou a única colectânea, aparecida em volume, de quadras e do romanceiro popular dos Açôres.

A recolha dêsse material foi feita na Ilha de S. Jorge e destinava-se a Almeida Garrett, que dêle se não chegou a utilizar por ter morrido. Mais tarde, Teixeira Soares ofereceu-o a Teófilo Braga, que o publicou com o título de «Contos Populares do Arquipélago Açoreano». E, de então para cá, o que tem aparecido sôbre êste género é obra fragmentária, que de maneira alguma traduz, de longe, a grande riqueza da literatura popular dos Açôres.

Em Ponta Delgada, soubemos que Armando Côrtes Rodrigues, o maior poeta aoreano desde o Antero de Quental, se consagrara há muitos anos a recolha da poesia do povo da sua terra. E fomos ouvi-lo. Levou-nos para o jardim de José do Canto, onde não chegam os ruídos da cidade. O poeta faz dêste maravilhoso jardim a sua sala de trabalho.

— O que penas fazer dêsse manancial literário que há tantos anos vem amontoando?

— Uma obra que há muito tempo devia estar feita, e que tudo indicava se fizesse depois da experiência de Teixeira Soares, tão bem aproveitada por Teófilo Braga. Estou a organizar o «Cancioneiro Popular Açoreano», há algumas dezenas de anos, com quadras colhidas nas diferentes ilhas do Arquipélago.

O poeta dos «Cantares da Noite», que foi um dos colaboradores do Orfeu e colega de infância de Fernando Pessoa, diz-nos do seu grande interêsse por essa obra e das dificuldades com que, a cada passo, depara.

— Tentei fazer uma obra tão completa quanto possível, mas as deficiências e as lacunas não podem deixar de ser inevitáveis num trabalho de quem se não pode deslocar da ilha onde vive. Por mim, desde 1915 que ando a colher tudo que posso. Nas outras ilhas, com excepção da Terceira, onde vivi três anos e não perdi o meu tempo, tive de sujeitar-me ao que me enviaram as pessoas a quem importunei com pedidos incessantes.

— Porque não fêz essa recolha nas suas origens?

— Sou professor, como sabe, e só tenho de meu o tempo de férias, é êsse aproveito-o inteiramente para o «Cancioneiro». Teria sido muito mais útil ao país se, em vez de estar a ensinar as regras do particípio passado aos rapazes do Liceu, me tivessem dado licença para correr as Ilhas com meia dúzia de lápis e uns cadernos de papel. Esse foi o meu grande sonho: partir em romagem etnográfica com um companheiro para a notação musical.

# VAMOS VER O *CANCIONEIRO POPULAR AÇOREANO* QUE O POETA ARMANDO CORTES RODRIGUES ESTÁ A ORGANIZAR HÁ MAIS DE TRINTA ANOS

E, depois de uma pausa, Côrtes Rodrigues disse:

— Aqui onde estamos, olhando para estas belas terras que êsse mar separa, a alma de artista que foi José do Canto mandou buscar de tôdas as partes do mundo, e que tanto encantaram Raúl Brandão, o companheiro dos seus dias de S. Miguel, eu expus a grande escritor o meu sonho «Cancioneiro». Palmas agramente sôbre o povo e eu disse-lhe muitas quadras da gente aoreana. E a poesia do nosso povo é tão significativa, toca-nos tão de perto, que Raúl Brandão lastimou não se ter publicado ainda tão essa literatura, que com o andar do tempo se vai perdendo. Então, mais do que nunca, eu senti a necessidade de revelar, através da sua poesia, a alma do meu povo, que quanto mais conheço mais amo.

— Como orientou o seu trabalho?

— Comecei por compilar as cantigas por ordem alfabética e dentro de cada série alfabética distribuí-las por uma certa ordem lógica que escolhi: cantigas religiosas da natureza, amorosas, de ausência, de saüdade, de tristeza, antroponímicas, geográficas, várias, humorísticas e satíricas. As da emigração vêm nas de saüdade e ausência. O «Cancioneiro Popular Açoreano», que eu o idealizei, compreende três volumes: no primeiro a parte lírica, com cantigas isoladas que andam soltas do povo destas ilhas; no segundo, as cantigas próprias dos diferentes «bailhos» populares, no que se inspira particularmente o S. Miguel, acompanhadas de notação musical de Tavares Cardoso, o único que figura até agora no folclore musical desta ilha, embora muitos outros tenham servido da sua obra sem ao menos lhe citar o nome, seguidas do romanceiro popular de cada lago; no terceiro, o devocionário popular aoreano de diferentes ilhas. Completa esta colecção o «Léxico Popular Açoreano», que venho publicando na revista «Insulana».

— Tem-se perdido muito tempo — lamentou o poeta — e as fontes vão-se tornando. Em muitas aldeias de vida tenho visto perderem-se irremediàvelmente quási tôdas as tradições que enchem as primeiras páginas na minha mocidade. Já as velhas de hoje se contam contos ao serão; mal aparecem os emalotes. Janela; já poucos cantam as estrêlas e nas Reis, e cada vez mais raralam os tocadores de viola. A viola é arame foi durante longos anos o único instrumento popular, fabricado nas ilhas por violeiros de nomeada, rico de embutidos de caprichoso ornato. Antes da viola ou quando ela ainda rareava, tocava-se tambor, e tambor de Espírito Santo, de que se servem ainda hoje os foliões.

Voltámos a falar da poesia popular e quisemos saber das suas características.

— O saüdosismo e a sátira são os dois polos da poesia popular aoreana. Em tôdas as ocorrências, que o povo costuma arquivar em versos e a que chama ensveiras,

*ESTA CURIOSA SÉRIE DE FOTOS, É UMA REVELAÇÃO DAS QUALIDADES DO DE GRANDES*

## O ACÔRDO COMERCIAL HISPANO-PORTUGUÊS

AS COMISSÕES PORTUGUESA E ESPANHOLA NO «PALACIO DE LA DIPUTACION», DE SAN SEBASTIAN, ONDE SE REALIZARAM CONFERÊNCIAS PARA O ACORDO COMERCIAL ENTRE OS DOIS PAISES IBERICOS.

O PRESIDENTE TRUMAN, TENDO ENTRE MÃOS, A «CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS».

# PANORAMA

## PORTUGAL

Ilda Stichini, a actriz da voz maravilhosa, está em Los Angeles a dar lições de português, francês, italiano e espanhol a artistas de cinema.

Mas, ao mesmo tempo, está freqüentando, em Hollywood, um curso de direcção cinematográfica.

Ilda conta regressar a Portugal dentro dum ano, mas parece que sem idéias de regressar ao teatro.

A distinta artista projecta, antes, realizar filmes no nosso país...

Cuidado, Ilda!...

## INGLATERRA

Churchill acaba de vender a uma emprêsa americana, por uma quantia importantíssima, os direitos de filmagem da sua famosa obra autobiográfica «My early life», largamente ampliada.

Ao princípio constou que Charles Laughton interpretaria, no filme, a figura do notável político inglês.

## FRANÇA

O filósofo André Seegfried, notável figura do Pensamento francês, que foi hóspede de Portugal, foi eleito para a Academia Francesa.

O novo «imortal» vai ocupar a cadeira que pertenceu a Gabriel Havatoux.

## ÁUSTRIA

Faleceu em Beverley Hills o famoso escritor austríaco Franz Werfel, autor de *A Canção de Bernadette*.

Esse livro foi o resultado dum voto do grande escritor, à sua passagem por Lourdes e, depois da realização do filme, mais popular se tornou.

*O gentleman trágico*, depois adaptado à cena e representado em Londres, com enorme sucesso, é outra grande obra de Franz Werfel.

*BAILARINO PORTUGUÊS CONSTANT, QUE SE VEM AFIRMANDO COMO UM ARTISTA DE POSSIBILIDADES*

**(Fotos Manuel Pontes Alves)**

O CICLISTA JOÃO Rebêlo

# VAI FILMAR EM ESPANHA

AQUI está uma notícia de sensação para os cinéfilos e para os desportistas.

João Rebêlo, o extraordinário corredor «sportsguista, que tão notàvelmente se classificou na última prova ciclista da «Volta a Espanha», vai ser um dos principais intérpretes de «Grande Prémio», filme da «España Actualidades», que tem como motivo do argumento aquêle certame desportivo onde Rebêlo marcou tão excelente posição.

«Grande Prémio» será dirigido por Artur Duarte e terá como intérpretes, na versão portuguesa, Maria Eugénia, Teresa Casal, Erico Braga e Jaime Costa ou Oscar de Lemos.

As filmagens ainda não estão definitivamente fixadas, porquanto Artur Duarte ainda não sabe qual dos dois filmes se seguirá ao trabalho que tem entre mãos — tanto pode ser o «Grande Prémio» como «O Hóspede do Quarto n.º 13». No entanto, quaisquer dos dois estão prontos a entrar «plateau», faltando apenas definir qual o que terá a primazia.

# O CINEMA E A MEDICINA

*EXIBIU-SE há dias em Lisboa um pequeno documentário sôbre os admiráveis resultados obtidos pela combinação do cinema e do Raio X. Embora não se trate dum filme científico, mas sim de divulgação cultural, permite-nos avaliar as admiráveis possibilidades que se abrem à medicina pelo simples facto das radiografias deixarem de ser estáticas e tornarem-se animadas.*

*O mecanismo interno do corpo humano pode agora ser analisado, não só no instante da fotografia, mas em pleno funcionamento, durante o espaço de tempo julgado necessário. E o cirurgião, que não sabia exactamente qual o motivo porque a mão sinistrada se fechava de forma insuficiente; o médico que pretendia averiguar as causas que levavam o doente a arrastar a perna lesada, podem agora constatar, na tela, qual a origem da deficiência, que a radiografia estática nem sempre revelava. As aplicações são tantas e tão variadas, que não é exagêro supor-se que estamos em presença dum campo experimental de extraordinárias possibilidades.*

*Recentemente, também, assistimos à exibição duma notável fita pedagógica, realizada por cientistas americanos, e que nos apresentava os surpreendentes resultados da associação da câmara de filmar ao rectoscópio. E, assim, pudemos ver, na tela, em maravilhoso tecnicolor — como se diz nos anúncios das comédias musicais — os parcéis do intestino grosso de diversas doentes, primorosamente fotografados, com as lesões de diversas origens, e sem prejuízo dos movimentos peculiares da víscera em questão.*

*Ampliadas pela projecção, os médicos podiam localizar e identificar as úlceras — e estudar, em face da tela, a doença dos clientes sujeitos à respectiva observação. E aquilo que dantes se adivinhara, passou agora a ver-se com perfeita e absoluta nitidez.*

*O cinema continua, dêste modo, a cruzada em auxílio da Ciência. Quando todos supõem que atingiu o limite das suas possibilidades, êle encaminha por novos caminhos e abre, perante os olhos maravilhados, novos e vastos horizontes. A medicina tem na câmara de filmar um elemento precioso para o diagnóstico. O filme ajuda-a a descobrir as causas das perturbações e a minorar o sofrimento dos homens. Depois de ter sido médico das almas, o cinema vai curar os corpos doentes. Bem haja, por isso.*

*FERNANDO FRAGOSO*

## Últimos Instantâneos de Hollywood

QUE caras tão felas! Será capaz a leitora de reconhecer? A esquerda, temos Frank Sinatra, ídolo das mulheres americanas, de voz quente e aguda. A direita, Danny Kaye, o protagonista de «Em Maus Lençóis», o famoso «cantor louco» que acaba de obter um êxito retumbante no seu segundo filme «O Super-Homens».

CLARK Gable e Margaret O'Brien. Clark regressa aos estúdios e encontra a sua pequenina colega transformada numa vedeta famosa. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas distinguiu-a, com efeito, com um prémio especial. E Clark Gable parece encantado ao vê-la estudar o seu papel, com tanto afinco.

JEAN Pierre Aumont e sua mulher — a lindíssima Maria Montez. Jean, soldado de França, durante a última guerra, tem sido um dos mais entusiastas promotores das jornadas de aproximação entre a sua pátria e os Estados Unidos. Amanhã da sua farda, Maria Montez brilha como uma das faiscante condecoração...

Antes de partirem para a guerra, as cerimónias eram solenes...

O Imperador é um Deus. E os soldados vão curvar-se, tôdas as manhãs, perante as muralhas do seu palácio... Entretanto, o Deus, dorme...

# COMO UM POVO ORGULHOSO CHEGA À DERROTA

## A GUERRA, QUE NO JAPÃO DIZIAM QUE DURARIA CEM ANOS, DUROU QUARENTA E QUATRO MÊSES!

O «Times» dizia, há dias, em artigo de fundo: — «Quer sob o aspecto político, quer sob o aspecto económico, a actual situação no sueste da Ásia é muito precária. O articulista escreve: «As circunstâncias em que se deu a rendição nipónica impõem aos Aliados extrema cautela. Embora as fôrças navais e aéreas japonesas tenham sido quási aniquiladas e a população civil verificado o poder destruidor dos Aliados, as fôrças de terra japonesas sofreram as suas principais derrotas em regiões remotas que não puderam ser observadas pelo público.

Grandes efectivos japoneses regressarão à pátria sem outras experiências além de vitórias, e muitos comandantes japoneses dos territórios do Ultramar podem proclamar com verdade que não se renderam aos Exércitos aliados, mas em obediência a uma ordem do Imperador. Abre-se, assim, o caminho para a propaganda do mito que se provou de formidáveis consequências na Alemanha, onde todos declaravam que o Exército não fôra derrotado e que a guerra fôra perdida por falta de moral da população civil».

É preciso, de facto, conhecer-se o povo japonês para se avaliar da dificuldade que haverá em fazê-lo acreditar que foi derrotado.

«A guerra contra a América durará cem anos e sairemos vitoriosos!» — diziam êles. Afinal, a guerra durou quarenta e quatro meses e acabou com a derrota do Japão.

Os japoneses, povo nascido para o sacrifício e para a renúncia, dava, sem um protesto, entre trinta a quarenta por cento dos seus salários para o esfôrço de guerra: trabalhavam cem horas por semana, mal alimentados, mal dormidos e vivendo em péssimas condições de higiene.

Mas diseram-lhes que conquistariam a vitória — e êles queriam a vitória!

Os jornais, a Rádio, os filmes, os cartazes pelas paredes, tudo lhes dizia que a vitória não seria conseguida antes de cem anos de luta. E êles acreditavam e, entretanto, celebravam a agressão de Pearl Harbour, não uma vez por ano, mas uma vez por mês...

Afinal, veio a derrota... E os japoneses que se julgam responsáveis fazem, em grande número, «hara-kari», que é a forma mais natural que descobriram para não sobreviver à vergonha duma derrota!...

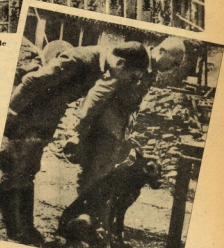
Os soldados que pretenderam render-se, foram fuzilados ou obrigados a fazer «Hara-Kiri»...

Dia e noite os engenheiros curvavam-se sôbre livros, e perdiam-se em estudos sôbre armas de guerra...

Estes túmulos são de vítimas dos ataques aéreos aliados...

Este monumento ao «torpedo humano» mostra a preocupação dos japoneses em educar as crianças na exaltação do sacrifício pela Pátria.

Os civis não utilizam o metal, a borracha, nem a lã é comem, apenas, o necessário para não morrer de fome!



E AGORA RENDEMO-NOS.....

# A ÚLTIMA OPORTUNIDADE

Por JEAN MONGEOT

ERCEBEU bem, menina?

Se percebera! Desde que entrara para o «Nacional», de Buenos Aires, Lina tinha escrito apenas uns artigos de interesse médio, e, nesse dia, Malavaz dava-lhe um prazo de quinze dias para arranjar qualquer coisa sensacional. E a sua última oportunidade.

Lina entrou no seu gabinete, abriu maquinalmente o receptor, pôs a funcionar a ventoinha e, sentando-se numa cadeira de baloiço, pôs-se a pensar.

Tinha quási esquecido a música suave que o aparelho murmurava, quando ouviu algumas palavras de terrível realidade: «Atenção! O Dr. Villa, de Varuhaya, província de Jujuy, pede com a máxima urgência sôro antimeningocócico B». 

Depois de ter repetido o apêlo, a voz calou-se e a música incolor continuou. O espírito de Lina, porém, já trabalhava. Lembrou-se de ter ouvido um médico da cidade falar de certo sôro que acabara de receber. Lina não tinha fixado o nome. Não seria exactamente o antimeningocócico A, B ou C, conforme os casos?

Com certeza. E sentiu o coração saltar ao lembrar-se de que ia descobrir o sôro, levá-lo de automóvel a Varuhaya, salvar um sêr humano e fazer um artigo palpitante, de quatro colunas, no «Nacional». Um quarto de hora depois, corria a bom correr para Leste com uma preciosa caixinha de metal na algibeira do casaco.

Tinha de percorrer mais de mil e setecentos quilómetros a caminho de Rosário, Cordoba, Soltão e Jujuy, onde meteria pela Cordilheira dos Andes até Varuhaya. Ao cair da noite, levava oito horas de viagem a uma velocidade de inferno, parando apenas para meter gasolina, que lhe levava todo o ordenado, recebido essa manhã. A T.S.F. do carro tinha-lhe permitido ouvir um aviso ao Dr. Villa anunciando que o sôro tinha partido. E o locutor acrescentara:

«O automóvel «Zephir» n.º 481.537, azul claro, correndo a grande velocidade para Jujuy, leva o sôro. Pede-se à polícia da estrada que não o detenha».

A emoção febril que a tinha matido nas primeiras horas la desaparecendo. Começava a sentir um cansaço extremo, que se lhe revelava no rosto fino, nos grandes olhos claros, e as mãos crispavam-se-lhe no volante.

Teve ainda fôrça para carregar um pouco mais no acelerador, e o conta-quilómetros foi dando mais e mais. De vez em quando, cruzava-se com enormes camiões, que desciam para Buenos-Aires e que a ofuscavam por momentos. Sentia tentações de parar, de fechar os olhos por minutos, mas a caixinha de metal pesava-lhe mais um pouco sôbre a anca e dava-lhe novo alento. Lina procurava não pensar no esfôrço de que precisava ainda, principalmente quando lhe fosse preciso meter-se pelas rampas coleantes da Cordilheira. E sentia uma nervosa vontade de chorar.

* * *

Quando o dia começava, corria ainda, agora debaixo de uma chuva densa, que a obrigava a baixar a velocidade. A cem quilómetros de Jujuy meteu mais gasolina, e, no momento em que o carro arrancava, levantando repuxos na estrada, ouviu o rugir da tempestade.

Não podia esquecer que tinha nas mãos a vida de um homem. E corria, corria à velocidade de um «express» naquela estrada escorregadia onde a sua própria vida corria perigo.

Em Jujuy procurou falar pelo telefone com o Dr. Villa, mas a linha estava avariada pelo temporal e teve de voltar à corrida, tonta de cansaço, através do furacão que rugia na montanha. Tinha percorrido mil e setecentos quilómetros em vinte horas e precisava de mais três para fazer os últimos trinta para chegar a Varuhaya.

Por duas vezes, em passeio, tinha percorrido aquela estrada sob um sol esplendente, e tremera perante aquêles precipícios abertos a cada volta da estrada.

Via agora os obstáculos só quando estava ao pé dêles e, de vez em quando, calam sôbre o carro bocados de rocha que a borrasca desprendia do alto. Entre duas rajadas de chuva, Lina distinguiu um velho campanário espanhol e as casas baixas de uma aldeia da montanha. Indicaram-lhe a do Dr. Villa, um pouco mais longe. Aquêles últimos quinhentos metros pareceram-lhe os piores. Não sabia se teria fôrças para descer do carro. Conseguiu-o, afinal, subiu alguns degraus, empurrou uma pesada porta de carvalho e entrou num corredor onde uma temperatura suave a envolveu agradàvelmente. Viu duas portas. Abriu a primeira.

Num pequeno quarto, um grande perfil moço, de bata branca, a cara quási oculta pela máscara asséptica, curvava-se sôbre um homem deitado na cama. O médico voltou-se e mandou-a sair quási brutalmente:

— Não entre, desgraçada!

Já quási a desmaiar, extenuada, Lina ainda teve tempo para pensar se ele teria querido livrá-la do contágio ou se pretenderia ocultar-lhe o doente. E que tinha reconhecido neste Al Guttierrez, um evadido da penitenciária.

* * *

Quando recuperou os sentidos viu primeiro que tinha junto dela o rosto do Dr. Villa. E sentiu-se feliz sem saber porquê. Advinhou, de olhos meio fechados, o médico que se levantava e sai nas pontas dos pés, depois de lhe ter pôsto na fronte a mão fresca e musculosa. A chuva continuava a bater nos vidros das janelas, terrosas e densa. Lina obriu muito os olhos, quis levantar-se, mas estava ainda muito fatigada.

Instalada num divan e tapada com boas roupas, que a envolviam como se fôsse uma criança, viu, sorrindo, o seu casaco a secar à grande chaminé onde ardia um tronco de árvore. Villa voltou para junto dela e mostrou-se contente por a ter encontrado acordada. Disse-lhe logo que o doente estava salvo. E Lina, imediatamente, fêz-lhe a pregunta que lhe escaldava os lábios:

— É claro que não ignora quem seja êsse homem...

O rosto do médico endureceu um pouco e os seus olhos claros fitaram-na bem de frente:

— Não. É Guttierrez, e sei que o reconheceu. Não é de estranhar numa jornalista. Vi o seu carro. Espere que seja mulher acima de tudo e apelo para o seu coração. Ninguém deve saber jamais o que se passou aqui.

«Este homem chegou a minha casa uma noite dizendo-me que era um caçador. Batia o dente. Verifiquei que estava a fazer uma meningite cérebro-espinal. Compreendi depressa que quási nada poderia fazer por êle. Primeiro que tudo tive de fazer uma análise difícil para ver qual o sôro necessário, e não sabia se haveria uma só probabilidade de o encontrar.

O doente confessou-me a sua identidade. Velo o padre. Tentei o milagre, que se fêz graças a si. Daqui a pouco, Guttierrez poderá partir e é preciso que vá livre. É o meu dever e é também o seu porque você salvou-lhe a vida. Oxalá que tenha valido a pena. Depois da sua passagem, a estrada foi obstruida por uma derrocada. Quando cá chegarem, o homem terá passado a fronteira.

«É um segrêdo que ficará entre nós para sempre.

E Villa, com um sorriso que lhe iluminou o rosto, tomou a mão de Lina entre as suas.

A rapariga não a retirou: sentia que a vida tomara, há um minuto, um aspecto decisivo.

Buenos Aires, o «Nacional», o próprio Guttierrez pareciam-lhe distantes, inúteis, esquecidos. Em frente da porta, a chuva continuava a cair. Como em tôdas as aldeias do mundo, um sino tocou as Trindades.

Dias depois, o telefone foi reparado, e a primeira chamada veio de Buenos-Aires. Era Malavaz que urrava:

— Formidável, Lina. Tem seis colunas à sua disposição. Todo o país espera a sua história! Dite, dite depressa, vou buscar um estenógrafo...

Porém, como se sentia feliz com aquêle belo rapaz, numa pequena casa da Cordilheira, nem sequer respondeu.

Perdera uma boa ocasião, mas ganhara a felicidade.

CASA José Costa

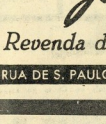
Revenda de válvulas R. C. A.

RUA DE S. PAULO, 11-13 LISBOA / TEL. 2 4888



Em todas as IDADES...

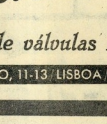
É necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Reminiscência o futuro vão, nascerá um filho são e resistente a todas as enfermidades.

Cuidar a dentição e o desenvolvimento dos ossos constitue o principal medida profilática que os pais devem ter com os filhos

No idade escolar, quando o cérebro das crianças começa a trabalhar, deve impedi-se a fadiga que ocasionam os primeiros livros



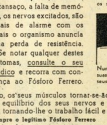
A reparige as fazen-as sulher pena por um bocado de molador... Não devem ser cuidados assim com demora

Os jovens que fez dignos de estudos fortifican o seu cérebro, tornam-no homens com um poder surpreendente

A família inteira tem optimismo e alegria vendo que todos os seus componentes gozam de bôa saúde

A diminuição da alegria, a falta de apetite, a insónia, o cansaço, a falta de memória, os nervos excitados, são sinais de alarme com os quais o organismo anuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferreo.



Nunca será um velho se nos tivéssemos mantido a nós mesmos a vigôr da juventude

Depois de uma breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferreo

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferreo

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

D. Francisco Mascarenhas, no seu estreia, em Espanha, entre o general Queipo de Llano e o «alcalde» de Palme de Malhorce.

O MAIS NOVO CAVALEIRO PORTUGUÊS

# D. FRANCISCO MASCARENHAS

## Tomou alternativa no Campo Pequeno

Os aficionados à festa brava que vêem no toureio a cavalo a modalidade mais puramente nacional da arte de lidar toiros, tiveram, na noite de 28, no Campo Pequeno, o mais justificado motivo de alegria. Um valor que a ninguém pode ter deixado dúvidas, enriquece desde agora o grupo de profissionais da Arte de Marialva.

Referimo-nos à *alternativa* de D. Francisco Mascarenhas, perfeitamente à altura do nome que usa e das tradições da cavalaria tauromáquica portuguesa. As quentes palmas que esgotou, não só premiaram a sua excelente actuação como ainda festejaram a certeza da continuidade brilhante duma expressão do toureio em que Portugal desde sempre mais encontestável superioridade.

Filho de um verdadeiro mestre do toureio equestre e seu discípulo dilecto, herdeiro de um nome que na história das lidas da arena mais de uma vez aparece com letras doiradas, D. Francisco não podia ser um toureiro vulgar. As responsabilidades que pesam sôbre a sua alma de aficionado lhe tinham que conduzi-lo a um lugar cimeiro ou arredá-lo-iam para bem longe das lutas tauromáquicas. Felizmente verificou-se o primeiro caso, com uma galhardia que o público reconheceu, sentiu e aplaudiu em delírio.

Quando nos aproximámos do jovem cavaleiro — tem 18 anos apenas — ainda se ouvia o eco dos aplausos, ainda se davam os abraços de felicitações. Entendemos, por fim, para afirmar todo o seu reconhecimento pela maneira como o público o acolheu e ovacionou. Confessa-se radiante, e julgando que nada mais pretendemos vai afastar-se quando arriscamos outra pregunta. Surpreende-se:

— Uma entrevista em forno!?

— Apenas uma simples conversa... E em resposta ao que havíamos inquirido, responde:

— Tourei pela primeira vez em público na praça de Alpés, com nove anos apenas. Aos onze, a convite do general Queipo de Llano, farpeei e matei a rojão em Puerto de Santa María. Em tão boa hora, que me concederam a oreilha do novilho. Prossegui toureando em Espanha, e mais vezes a teria feito se uma lei estabelecendo limite mínimo de idade para lidadores me não tivesse obrigado a parar...

— Mas voltou...

— Sim, no ano seguinte. Tourei então em Madrid, Barcelona, Sevilha, Valência, Malaga, Saragoça, Murcia, Palma de Malhorca — isto para citar as principais — e preparava-me para a ambicionada *alternativa* quando o falecimento de minha querida mãe me furtou ânimo e disposição para realizar o meu desejo. Mas a meta foi alcançada, enfim!

Sendo D. Francisco dos cavaleiros que mais contacto tem tido com o público espanhol, não quisemos perder a oportunidade de saber o que pensava sôbre as condições de vida da arte de Marialva no ambiente da cavalda espanhola.

— Penso que tem lugar nela e ambiente no público!

— Quanto à maneira de actuar...

— Parece-me perfeita a actualmente usada. Lidiando-se um toiro em pontas, dá-se prova de que possuimos condições para executar o toureio em igualdade de circunstâncias com os *rejoneadores* espanhóis. No embolado é possível fazer alarde de todo o predomo de uma arte em que a filigrana nos sujeita aos mais inesperados precipícios. Tão pouco julgo será condenar cavalos de excepcional categoria como privar o público de apreciar a beleza do nosso toureio e as suas extraordinárias possibilidades.

Não seria razoável furtar mais tempo às horas festivas que D. Francisco Mascarenhas estava vivendo. Despedimo-nos, pois, deixando-o entre muitos braços que, impacientes, esperavam o momento de estreitar o moço cavaleiro que tão auspiciosamente inicia uma carreira onde, desde já, ocupa um lugar de invejável destaque.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

Toureando no Campo Pequeno, no dia da alternativa
(Desenho de Álvaro Duarte de Almeida, gentilmente cedido à «Vida Mundial Ilustrada»).

## JANELA ABERTA

POR MANUEL MARTINHO

# A MOCIDADE APRESSADA

VOCÊ, Melly, cresceu três palmos em oito dias! Ainda a semana passada, num domingo de sol, a encontrei enlevada na brincadeira, a fazer castelos de areia na praia salpicada de mundanismo. O fato de banho era, então, curto, ligeiro, duas tiras de pano a cobrir um corpo de criança. Ninguém, pode crer, reparava em si. Era uma criança doidivanas, absolutamente protegida, na nudez, pelo cabo de mar — a autoridade seloss que melhor compreende, na nossa terra, o púdico e o nu. Cá em cima, na sapinada, as raparigas, de espáduas nuas, amorenadas do todo e do sol forte, faziam, de perna traçada, o desporto revigorante da laranjada, do grelado e da má-língua.

Cavalheiros desportivos, de camiseta, mostravam a peitaça, forte das emanações higiénicas da chá das cinco — e do «wisky» boémio, bebido com repugnante chiquismo. Mas, em oito dias, você, Melly, deu um pulo.

E, aqui para nós — que acrobático pulo!

As suas pernitas débeis enformaram, ganharam curvas provocantes; a cintura estreita, adelgaçada, engrossou — e qualquer dia cinge cinta; a caraminha dos seus cabelos louros tomou a picante atitude duma Verónica, irrequieta e amorosa — e as suas maneiras, enfim, inocentes e infantis, ganharam a «pose» do longo estudo feito diante do espelho.

E, acredite, é pena. Na nossa terra vão desaparecendo as garótas. Os doze anos deixaram de existir na vida feminina. O rapaz de treze anos — fuma, ama e discute coisas graves, inconcebíveis. As raparigas, essas, dizem que têm dentito, desprezam as bonecas, repintam-se de «batom», e desejam, ardentemente, fugir para Hollywood.

De quem é a culpa? As vezes da família — sempre da sociedade. Aos doze anos veste-se a garóta com sêdas mundanas, salto alto, colares, escravas e pulseiras — com trinta permanentes consecutivas, na cabeça ôca.

Acontece ainda não saberem onde fica o fígado e já sabem onde se toma o «Clipper» para a América.

O resultado é deplorável. Começam a viver precocemente — a arquitectar mil projectos de fantasia onde o Amor, a Glória, o Luxo, são a suprema aspiração.

E por isso, repito-lhe, que tenho pena de si, Melly.

(Continua na página 16)

# QUATRO ACONTECIMENTOS

No «Lusitânia Expresso» partiu para Madrid, em direcção à Suiça, onde vai reger um dos concêrtos dos «Festivais Internacionais de Lucerna», o maestro Pedro de Freitas Branco. Isto basta para que saibamos que mais uma vez o ilustre director da Orquestra Sinfónica Nacional vai conquistar no estrangeiro mais um justíssimo triunfo.

Os restantes concêrtos serão dirigidos pelos maestros de grande renome mundial, «Sir» Thomas Beecham, inglês; Ansermet, suíço; Ferrero, italiano; e Paul Paray, francês.

Ferreira da Costa, um jornalista que se afirmou escritor de inegável merecimento, é o autor de «Pedra do Feitiço», um livro de reportagens africanas por êle vividas.

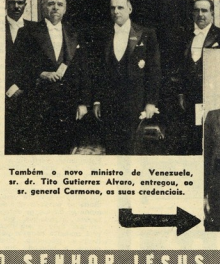
Nesta obra, Ferreira da Costa revela-nos, a par da sua sensibilidade de escritor, o repórter notável capaz de nos dar, em pinceladas de forte realismo, a vida nos sertões da África Ocidental. «Pedra do Feitiço» é como uma continuação do seu volume «Na Pista do Marfim e da Morte», um livro cheio de interêsse e um grande êxito de livraria.

Augusto da Costa, escritor de muito público e brilhantes qualidades, aumentou, agora, a sua obra, com «Os olhos eram verdes», um romance cheio de interêsse e que, decerto, vai obter o mesmo sucesso de *As Inocentes*, *Galo doido*, *O solar desabitado* e *Miquelina, rapariga moderna*.

Escritor de estilo fácil mas cuidado, os seus livros são bem-vindos com que o seu público fiel já conta pertinazmente, e a bom tempo, com raro interêsse.

Foi nomeado Comissário do Govêrno junto do Teatro Nacional de S. Carlos o sr. dr. José Duarte de Figueiredo.

Formado em Direito, com um curso brilhantíssimo, o dr. Duarte de Figueiredo desempenhou, entre outros cargos, o de secretário dos Ministros das Obras Públicas, Eugenheiro Duarte Pacheco, e da Instrução, prof. Carneiro Pacheco. Foi vogal da Comissão de Censura aos Espectáculos, adjunto do Director dos Serviços de Intercâmbio da M. P., director dos Serviços de Administração Civil, vice-presidente do Conselho do Govêrno

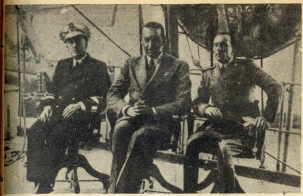


**O novo ministro da República Dominicana, sr. dr. Emilio Morel, depois da entrega de credenciais ao Chefe do Estado, há dias efectuada.**

**Também o novo ministro de Venezuela, sr. dr. Tito Gutierrez Alvara, entregou, ao sr. general Carmona, as suas credenciais.**

# AS FESTAS DO SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES

*As festas do Senhor Jesus dos Navegantes, em Paço de Arcos, revestiram-se, êste ano, de grande brilhantismo. Houve procissão, missa campal, bênção do mar e até uma animada garraiada, por amadores. As fotos mostram: 1) Êste vitelo foi oferecido para ser leiloado durante as festas e saiu ao distinto actor Ricardo Santos Carvalho. 2 e 3) Aspectos da procissão. 4) Um aspecto da corrida no momento em que o cavaleiro-amador Dr. João Moreira Rato toureava. 5) Um grupo de gentis senhoras que assistiram às festas.*

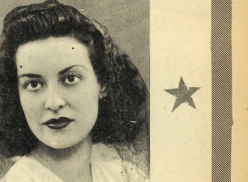


O Presidente do Conselho, Dr. Pedro Teotónio Pereira, acompanhado pelo comandante da Marinha e do Governador Militar, assistindo às manobras a bordo da canhoneira «Ibo».

Os artistas portugueses e espanhóis na recepção em sua honra no «Ayuntamiento» da formosa cidade galega.

A excursão naturista a Sintra, promovida pelo revista «Natura» e pela Sociedade Portuguesa de Naturalogia. Os excursionistas após a sua visita ao Palácio Nacional.

## ...Da rádio ao cinema e do cinema...



# ...CARMEN DOLORES
## VAI ESTREAR-SE NO TEATRO

A notícia é segura. Tão segura e certa como três e dois serem cinco. Carmen Dolores, a gentil artista do Cinema e da Rádio, declamadora de fina sensibilidade, começou na semana passada a ensaiar, no palco do teatro da Trindade.

Quere dizer, portanto, que depois da Rádio e do Cinema, Carmen Dolores vai pisar o palco, ingressar numa vida mais activa e de mais directo contacto com o público.

Nada mais justo. Há muito tempo que a jovem e simpática artista tinha direito a tal distinção. António Lopes Ribeiro, o homem dinâmico e decidido, que toca de uma assentada em milhares de negócios e assuntos, a todos prestando a devida atenção, compreendeu que era chegado o momento de trazer Carmen Dolores ao plano que, sem favor, lhe competia.

Esta rapariga, de uma modéstia que já se não usa, é uma verdadeira e surpreendente vocação. Nasceu para a Arte. E quando há intuição natural, pouco se aprende, ainda que bastante se corrija.

Carmen Dolores, que triunfou plenamente na Rádio e no Cinema, duas Artes eriçadas de dificuldades, vai igualmente vencer, com a naturalidade própria de quem já está por demais habituado a transpor obstáculos e outros quejandos obstrucionismos...

Apraz-nos dar a notícia em primeira mão. E completamo-la. A peça de abertura da temporada no Trindade, que continuará a ser explorado pelos «Comediantes de Lisboa», é a «Electra», de Jean Giraudoux, uma obra que, segundo se diz, vai agitar o meio teatral.

Há certas divergências sôbre o título, pois há quem afirme que se poderá estabelecer confusão com a «Electra e os fantasmas»! Por ora, o título continua a ser o que acima damos.

Não está ainda fixada data para a reabertura do Trindade. Deve ser, porém, por tôda a segunda quinzena déste mês.

Aos motivos de interêsse pela estreia da peça de Giraudoux, junta-se mais um: a actuação de Carmen Dolores, que nessa noite, acreditamo-lo, vai viver mais uma página feliz da sua carreira artística.

Por iniciativa do Secretariado de Aeronáutica Civil em colaboração com «O Século», realizaram-se vôos para tratamento da tosse convulsa a grande altitude.

Num «Dakota» pilotado pelo sr. capitão-aviador Benjamim de Almeida, beneficiaram dêsse tratamento muitas crianças, previamente inscritas nos escritórios daquele diário.

Assistiram, além do director do «Século», sr. João Pereira da Rosa, o major-aviador Humberto da Cruz, como delegado do S. A. C. à organização técnica do vôo, o chefe da Redacção de «O Século», sr. Acúrcio Pereira, etc.

O director de «O Século», o major-aviador Humberto da Cruz e Acúrcio Pereira, assistindo à subida do «Dakota».

As crianças entram para o grande avião, acompanhadas por suas famílias.

Aguardando a sua vez, estas crianças vêem, na benemérita iniciativa uma festa, e no avião «um grande brinquedo»!...

NA CAPARICA, ESTE MIÚDO PAROU DE VER A «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA». PARA SE REFRESCAR. LEITE? OH, NÃO! ELE PREFERE UMA LARANJADA FRESCA!

FOTOS SERODIO

Um futuro almirante? Quem sabe?...

Esta menina tem horror ao fotógrafo, e até chorou para não tirar o retrato... Quando fôr crescida, é capaz de mudar!...

Logo à noite vais ao Casino?

# CRIANÇAS SÔBRE A AREIA!...

O que seriam as nossas praias sem a alegria ruidosa e irreverente das crianças? Campos de areia e de sensaboria, onde as senhoras fariam «tricots» e má-língua e onde os homens chegariam, à tarde, atarefados e carregados com as compras encomendadas das lojas de Lisboa...

Não é exagêro dizer que as crianças são a alegria das praias e que aquêles castelos, às vezes tão altos, que constróem na areia, são imagens exactas de muitas vidas — que tantas vezes numa praia se começam a viver...

Acompanhe-nos o leitor numa volta por algumas praias. Veja a sinceridade com que aquelas crianças se entregam à alegria — alegria feita de gargalhadas fruncas, alegria sem artifícios, que essa nem chega a ser alegria...

As mamãs pintam-se, para irem bonitas para a praia — e fazem dela o recinto elegante da sua passagem de modelos... As crianças vão para a praia — apenas para estarem à beira da água sob a beleza do sol e sôbre o tapête mágico da areia...

Aqui uma criança ri, estouvadamente, francamente, porque se desequilibrou e caíram tôdas, em monte, sôbre a areia que não magoa — onde até ape-

(Continua na página 16)

A hora do almôço, na praia de Paço de Arcos.

Eh, pá! Acanda isto depressa antes que o meu pai se volte para cá!...

Castelos na areia...

Um amor de bebé, não é?...

Vista geral de Berlim, destruída pela guerra

Fome, luto e dor — o resultado da guerra!

É preciso ler, nas paredes, quais são as últimas ordens dos aliados...

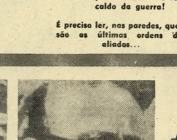
Nas paredes de Berlim lêem-se frases — em russo...

## A POLÍTICA DEPOIS DA VITORIA MILITAR

# A DANÇA DAS ELEIÇÕES

• POR JOSÉ CORREIA RIBEIRO •

O arcebispo Damaskinos



KIMON GEORGIEV

NUM artigo que publiquei há quinze dias sobre o fim da guerra no Oriente, escrevi que a democracia ao estilo anglo-americano ou o comunismo à maneira soviética deviam ser, como, aliás, já sucedia em todos os outros países, as duas alternativas a discutir pelos japoneses desmobilizados quando lhes fôsse dada a oportunidade de escolher o novo sistema governamental que lhes permitirá ocupar um lugar modesto na futura organização mundial.

Tornei a chamar a atenção dos leitores para esta afirmação em virtude dos problemas levantados e sugeridos nos países que estiveram sob o domínio nazi e pretendem agora reorganizar a sua vida nacional de acôrdo com as duas concepções políticas, manifestamente rivais, acima referidas. E isto vem tanto mais a propósito porquanto se os russos não reconhecem as eleições gregas, os anglo-americanos, em contrapartida, negam-se a aprovar as eleições búlgaras.

Sôbre êste assunto, o ponto de vista oficial da Rússia foi exposto recentemente num artigo do *Izvestia*, que comentava: «O problema da superintendência das eleições na Grécia por representantes de certas potências tem um significado político muito sério. A questão foi levantada pelas delegações britânica e americana na conferência de Berlim, não só em relação à Grécia, mas também a todos os outros países que se preparam para as eleições.

«O govêrno soviético tomou uma atitude negativa contra o envio de representantes para superintender a eleições nestes países, salientando a incompatibilidade desta medida com o princípio da independência do Estado e a soberania da nação sôbre a qual essa superintendência la ser estabelecida. Não há dúvida que, seja qual fôr a forma desta chamada superintendência, nas suas linhas essenciais, apenas pode marcar o estabelecimento dum contrôle sôbre a política interna doutro Estado que não pode nem deve sujeitar-se ao contrôle estrangeiro.

«Como muito bem se sabe devido a numerosas fontes de informação, a situação na Grécia é caracterizada por uma orgia de terrorismo conduzida pelos reaccionários, monárquicos e fascistas gregos, os quais provocaram um estado de coisas que impede a livre expressão da vontade do povo. Tôda a gente sabe que o acôrdo assinado, em Parkiza, a 2 de Fevereiro último, entre os representantes do govêrno grego e os representantes da Frente de Libertação Nacional, não tem sido cumprido pelo govêrno.

«E nesta atmosfera que as *eleições livres*, conforme anunciam os documentos oficiais, vão ser realizadas na Grécia. Os acontecimentos neste país demonstram inexistência aí das condições indispensáveis e necessárias à solução dêstes problemas por métodos democráticos. Não há possibilidade de se fazer eleições democráticas verdadeiramente livres, nem há condições que garantam a expressão da vontade livre do povo.

E depois de se referir às declarações da Crimeia, o *Izvestia* acrescenta: «A posição clara do govêrno soviético em relação a êste problema baseia-se totalmente na política consistente de confiar nas fôrças democráticas e nos direitos das nações grandes e pequenas. A maior tarefa dos Aliados é garantir as condições que permitam realizar eleições verdadeiramente democráticas, de modo a tornar possível a livre expressão da vontade do povo. Uma vez conseguido êste fim, não há necessidade de supervisores especiais. A nomeação dos supervisores para a Grécia pelas três grandes potências indica que as eleições não são aceites com confiança por parte das nações aliadas. Mas, nesse caso, os supervisores não servem para nada. Êste problema necessita ser solucionado de maneira diferente e por método diferente».

Tudo isto estaria muito certo e pareceria muito bem se não houvesse o reverso da medalha... Esse reverso da medalha é-nos apresentado por um comentário do redactor diplomático do *Times* ao referir-se às eleições búlgaras. Leia-se e confronte-se:

«A engrenagem eleitoral nos países ex-inimigos da Europa sudoriental, mal habituados à liberdade e à democracia estável, está predestinada a ser muito mais controlada do que nos países ocidentais. Como não se permitem alterações substanciais entre os candidatos do govêrno, as eleições não são mais do que votos de confiança aos gabinetes já constituídos.

«Na opinião dos govêrnos britânico e americano, a lista eleitoral do govêrno búlgaro não é suficientemente representativa. Os comunistas apareceram o ano passado, com novo prestígio e nova fôrça, após longos anos de repressão, e estão em condições de eleger uma vasta maioria de candidatos.

«Deste modo, dos 280 candidatos apresentados na lista do govêrno, os comunistas encheram 96 lugares, o que é excessivo e desproporcionado em relação ao número dos seus partidários no país. Segundo as últimas estatísticas consultadas em Londres e Washington, o partido comunista compõe-se apenas de 300.000 filiados.

«Os camponeses, de longe o maior partido da Bulgária, têm outros 95 candidatos. Mas, de acôrdo com a opinião geral em Londres, êste facto também não justifica completamente o panorama político, porque os comunistas tomaram conta da

(Continua na página 16)

# IMAGENS DE BERLIM

NÃO é demais mostrar ao mundo como está Berlim: — A populosa capital alemã tombou, ridiculamente, como tombam, afinal, tôdas as exageradas ambições... Para se pretender dominar o mundo, importa sempre sôbre que ruínas assentam os pés dos dominadores... Palácios, catedrais, tudo tomba sob o fragor da metralha, que nada poupa, nem a flor duma vida nem o bêrço duma civilização.

O homem excede-se a si próprio numa ânsia de extermínio que faz pasmar os que não estiverem cegados pela idéia da luta.

E cem cidades — e tomba o mundo, em ruínas.

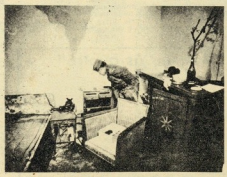
Estas imagens de Berlim, imagens de pavor, são os tristes frutos duma sementeira de rancores. As ruínas, as casas — tudo tombou. Oxalá não tivessem tocado de pé, apenas, os ódios e as ambições dos homens...

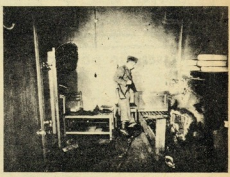
Um aspecto do interior do Reichstag

O conhecido Hotel Kaiserhof está em ruínas

O Hotel Adlon, onde estiveram reis e outros visitantes de categoria

A porta de Brandenburg, ficou muito danificada





5) O balcão *donde* Hitler costumava dizer ao seu povo que a Alemanha dominaria o mundo... 6) Esta era a grande sala das recepções da chancelaria! 7) Será aqui o túmulo de Hitler? Incrédulos, os soldados russos investigam... 8) A magnífica sala de jantar da chancelaria, está assim... 9) A procura do cadáver do «Führer»... 10) E se êle tivesse morrido aqui? O quarto de Hitler, no abrigo...

## CANCIONEIRO POPULAR ACOREANO

(Continuação da página 2)

não há uma única nota de ritmo: série de quadras demasiado longas, cheias de minúcias inúteis e em que a rima apenas figura para maior facilidade de fixação na memória. O sentido de angústia opressiva, que gera a nossa paisagem de bruma, o céhio que treme, os fortes temporais que assolam as ilhas, êste silêncio pasmado em que tudo se imobiliza, para deixar ouvir a voz do mar, tudo isso cria na mentalidade do agoreano aquele vago fundo de tristeza e de indolência que anda nas suas canções e nas danças arrastadas e colentes.

— Teremos em breve a publicação do «Cancioneiro»?

— Assim o espero. Depois da edição, em curso, da obra de José Bruno Carreiro sôbre Angra, o Instituto Cultural de Ponta Delgada iniciará a do «Cancioneiro».

Passam-se horas esquecidas a ouvir Côrtes Rodrigues falar do povo ilhéu, da sua vida e do seu destino desgraçado de emigrante. E uma certeza fica em nós: é que êsse povo, que há séculos joga a vida na aventura da emigração, conserva tal qualidade fundamentais da raça e sabe, pela dura experiência vivida na casa estrangeira, que pode modificar a realidade de sua vida na ilhas, que ele ama acima de tudo e cuja riqueza se deve ao seu braço.

CASTRO SOROMENHO

## Marla Della Costa

(Continuação da página 17)

caracterizador de *Bocage* — e acabou por ficar o substituto. Estava instalada a sua nova carreira. A seguir, foi «maquilleur» em quási todos os filmes portuguêses. O último dos quais foi *Aldeia da Roupa Branca*, no qual substituiu Jorge Lambelho na função de assistente geral.

Um dia foi a Paris e veio de lá mais conhecedor dos segredos da sua arte. E, quási a seguir, partiu para o Brasil, onde foi director de «maquillages» da Copacabana. Mas a sorte continuou a sorrir-lhe, e é agora director do Departamento de Beleza Coty — e autor da página de Beleza Feminina que aquêle Instituto mantém na importante revista *Vamos ler*.

Especializado em beleza e estética feminina e «maquilleur» consagrado no grande país irmão, o nosso compatriota e amigo acabou por casar-se com a gentil Maria de Barros — perdão! — Maria Della Costa!

Vem a Portugal a formosa brasileira, a quem, certamente, os conselhos de seu marido convenceram a estudar, a aperfeiçoar as suas excepcionais qualidades.

E parece que vem, principalmente, porque quere ser aluna de Maria Matos.

Parabéns à notável artista e professora, a quem já chegam alunas do outro lado do Atlântico.

E daqui desejamos, sinceramente, a Maria Della Costa — e alguns meses depois de estar no nosso e seu país, visto que é a país de seu marido, ela possa gritar para o Brasil:

— Agora, rapazes, já não sou so bonita!...

LIVRARIA. ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS
*Compra grandes e pequenas bibliotecas*
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

O SORRISO DA ESPÔSA... A ALEGRIA DOS FILHOS
... E UM SEGURO EDUCAÇÃO NA
IMPÉRIO
COMPANHIA DE SEGUROS
IMPÉRIO
RUA GARRETT, 56
LISBOA

## Crianças sôbre a areia!...

(Continuação da página 13)

tece cafe Maio, dois midosos, sisudos e atentos, estudam não sei que intrincado problema. Ah! Pretendem fixar um mindsculo barco na areia molhada... Depois, velo uma onde e o barco partiu! E riem todos, descuidados e tranquilos — que o barquito está prêso por um fio e breve regressará da sua «grande viagem» sôbre a espuma...

E aquela petiliza que ali pretende *jogar o prego* — com um prego que é quási maior que ela!

E aquêles dois que se explicam mùtuamente as imagens dum livro — que nenhum deles entende!

Lá atrás, à sombra dos tôldos, as pessoas crescidas tratam assuntos graves e combinam a última festa elegante, no Casino...

Mas mais perto da água, ao sol benéfico e amigo, um mundo diferente agita-se, e brinca e vive — que vive é aquilo, quando *se é criança* e se está numa praia imensa, onde as próprias barracas parecem brinquedos e o banheiro o gigante amigo daquele pala de gente miúda...

* * *

Leitor: — se passar numa praia e vir um grupo de crianças brincando, não as vá perturbar com a sua presença! Deixe-as brincar, longe da severidade dum professor *à antiga* ou dum papá rigoroso e severo... Elas são assim — deixe-as ser assim!

E depois, elas terão tempo, mais tarde, de saber que há outra vida — mais difícil de viver!...

UMA GOTA DE «HERPETOL»
e o desejo de cocar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alivio começa
«HERPETOL»
é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, lividas, erupções, erupções de sua pele, que FIZ SUMIR NÃO APARECER MAIS. Experimente!
À venda em todas as farmacias e drogarias
Preço avulso: 11$00

## ARTUR DUARTE

(Continuação da página 5)

de Lemos, Cremilda de Oliveira e a estreante Linda de Abreu. Do ladoespanhol, temos Alexandre Ulloa, Fernando Gomez e Freyre de Andrade. Os diálogos da versão portuguesa são de João Bastos. À letra das canções de Silva Tavares e de Anibal Nazaré. A música, de Fernando de Carvalho e Jaime Mendes, sendo a canção de Milú da autoria de João dos Santos. À câmara actua o veterano José Gasparo, que há uns bons trinta anos trabalhou em Portugal, e que é um fiel amigo do nosso país.

As tomadas de vistas encontram-se muito adiantadas, devendo terminar dentro em breve. E no princípio da temporada teremos o filme em Lisboa, o primeiro que Artur Duarte dirige em estúdios estrangeiros — mais um título de glória para a sua carreira de profissional competente e seguro.

## A MOCIDADE APRESSADA

(Continuação da página 10)

Crescer em oito dias — é andar muito depressa. Que lucrará com isso?

Bem sei que a sua formosa titi easo aos quinze — aos dezassete era divertida e, aos vinte, enchera-se de crave por via do marido, um intrujão que se descuipou com a farsa da vida para encostar o revólver ao ouvido ao saber-se ferido.

Mas que tem isso?

Não faça o mesmo, Melly. Viva — creça.

Na sua idade há só um amor — o brinquedos. Não olhe para a sombra, não estude as atitudes, nem as maneiras de contorcer a bôca, num riso importado da tela.

Se sentir o encanto de tudo quanto é indecivo em si — *depressa*, ao cair das noites, francas, expressivas, ao brilho suave dos olhos, decerto, Melly, não terá pressa de adiantar o relógio da sua vida. Depois, acrescce, Melly, que hoje só há rins para os de beleza mas mulheres: quando são crianças! Mal os anos entram a encher o corpo de desordenada inquietação, a garôa — como a Melly — perde o maravilhoso passo nesse desfile mundano que é a mulher chique.

Se sentir limitar-se, em apressadas evoluções, do cabeleireiro ao salão de chá.

Vestem todas pela mesma costureira: Madame Moda, Limitada. Pintam-se igualmente. Transformam as guedelhas tão fàcilmente como os horrívels chapéus, rulinhos e abandonos. Aprendem os mesmos hábitos — e, para cúmulo, até o mesmo ralão vendo do *gin*, *whisky* e de caridade. Não tenho pois, pressa de ser mulher. E vós, Melly, vóltc de novo à infância: vesti-de, saia ligeira, de sandálias frescas, e correr pela praia, a encher de gargalhadas, essa vida plena de sol, que foi feita para o experimentar fortde que é o êxtase dos velhos...

Se não, Melly, acontecer-lhe-á como àquela tonta e ridícula madame que vemos hoje, saldosamente, brincar ao sigo a faser castelos de areia.

E a mocidade que viveu depressa, a chamar por ela, num supremo castigo...

MANUEL MARTINHO.

AGUARDENTE VELHA
Nieport
A prova está na prova

## A dança das eleições

(Continuação da página 14)

chefia do partido agrário depois do súbito afastamento do dr. Petkov, que denunciou a tática comunista de infiltração.

«Acima de tudo, porém, os governos britânico e americano têm motivos para acreditar que a *atual política governamental influirá profundamente na maneira de pensar votar*. O Primeiro Ministro Georgiev declarou, pouco antes do Alimento das eleições, *que o governo não utilizaria qualquer processo de intimidação ou de campanha eleitoral*».

Apesar destas declaração, o governo ingiês aconselhou a não realizar as eleições em virtude de não confiar nos seus resultados. Agora, o que há de curioso nas afirmações da imprensa ocidental é o movimento eleitoral bulgaro, é o facto do governo soviético já ter reconhecido o governo búlgaro e enviado um embaixador para Sofia. Além disso, quando em Setembro os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Cinco Grandes se reúniram em Londres, foi-lhes dirigido um apelo de interesse de paz com a Bulgária.

Ora, um tratado de paz só pode ser assinado com um governo reconhecido oficialmente, e a verdade é que, tanto Londres como Washington parecem não estar muito dispostos a reconhecer o actual governo de Georgiev. Por êste motivo, até à realização das eleições aprovadas pelos anglo-americanos, a situação na Bulgária permanece em ponto-morto sob o ponto de vista internacional.

Em posições opostas, o mesmo acontece com as eleições gregas. Daí o paralelo que pretendemos traçar.

Inscrição para o filme "Matinée às quatro"
Nome .....
Idade ..... Profissão .....
Morada .....
Desportos que pratica ..... Habilitações literárias .....
Sabe cantar? Que género? .....
Sabe dançar? Que género de dança? .....

# QUEM É MARIA DELLA COSTA

## "A BRASILEIRA QUE ESTÁ FARTA DE DE SER BONITA E VEM PARA PORTUGAL"

CAUSOU um certo interêsse nos nossos meios artísticos um telegrama há dias chegado do Rio de Janeiro, e no qual se dizia que uma bailarina brasileira, conhecida pela sua arte e pela sua beleza abandonava um grande casino onde ganhava quinze mil cruzeiros mensais, para vir matricular-se na secção de Teatro do Conservatório de Lisboa.

E muita gente achou graça à frase da artista brasileira: — «Estou farta de ser bonita!», que bem se poderia traduzir assim: — «Não quero mais triunfar pela beleza e quero ser uma Artista com A grande»!

* * *

Maria Della Costa é o nome artístico de Gentile Maria de Barros, uma senhora elegante e formosa que foi modêlo em Pôrto Alegre, onde a revista «Globo» a descobriu e a levou ao Rio, onde em breve era elemento de destaque numa companhia de teatro. Mas Maria Della Costa deixou-se tentar pelo Cinema, e algumas *provas* suas foram para os estúdios de Hollywood, onde despertaram interêsse.

Ultimamente, a gentil e formosa bailarina trabalhava num dos mais elegantes casinos do Rio, onde o *Copacabana* e a *Urca* marcam como centros de requintada elegância na apresentação de artistas de grande categoria.

Lembrou-se, agora, de vir para Portugal, a fim de se matricular no nosso Conservatório.

— «Estou farta de ser bonita!» — foi o seu grito de aventura.

Mas — porquê para Portugal?

Porque Maria Della Costa — chamemos-lhe assim, já que ela prefere... — é casada com um português, — e um português amigo de quem escreve estas linhas: — Fernando de Barros.

Tal como sua mulher, Fernando de Barros também era um rapaz cheio de ambições.

Conhecêmo-lo, aborrecido e triste, empregado do estabelecimento comercial de seu pai, uma loja de cabedais na Rua do Jardim do Regedor. Para fazer a vontade ao pai, que dêle queria fazer um honrado comerciante da nossa praça, o Fernando de Barros foi-se deixando estar, escondendo os seus sonhos de glória na monotonia do balcão. Mas um dia não pôde mais e pretendeu fazer qualquer outra coisa. Alguém o apresentou a Pedro Bordalo, e começou a escrever no «Sempre Fixe», depois nos «Ridículos», a seguir em revistas de Cinema — e foi êsse o caminho que o levou aos estúdios do Lumiar.

Começou *por baixo* — por onde se começa para bem se aprender... Estreou-se no *Trevo de quatro fôlhas*, num modestíssimo trabalho.

Depois, foi assistente de Obe, o

(Continua na página 16)

Fernando de Barros (foto Silva Nogueira)

Nesta foto vemos Fernando de Barros fazendo a «maquillage» a Teresa Casal, durante as filmagens de «Os Fidalgos da Casa Mourisca».

# CHAMAM-LHE O CHAPELEIRO MALUCO!

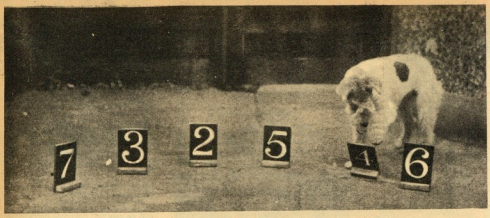
Tem 45 anos, chama-se Benjamim e é dono duma chapelaria de Chicago já há treze anos. Agora, lembrou-se de fabricar uns novos modelos de chapéus, com zebras, cartas de jogar, herdades, gatos, maços de tabaco — as coisas mais estranhas e disparatadas!

Pois se até lá, que é América, lhe chamam o «Chapeleiro Maluco»!

O aviso aqui fica... Não vá alguma senhora portuguesa ver um modêlo dêstes e mandá-lo executar...

1) Êste «mimo» chama-se «Jardim da Vitória» e é enfeitado com pacotinhos de sementes! 2) Êste chapéu é uma provocação para os cães! 3) Um «carroussel»! Quem quere andar nos cavalinhos? 4) Uma herdade completa com moinho de vento e tudo! 5) Ah, sua batoteira! 6) Zebras! 7) O circo chegou à cidade! 8) Você fuma? Se quere um cigarro, aproveite que ela está com um ar sorridente!

LEIAM ISTO, MINHAS SENHORAS...




Digam-lhe um número e Wedy Will aponta-o, imediatamente!

# WENDY WILL

É UM CÃO INTELIGENTE!

No baloiço! Ele próprio dá balanço ao corpo!

Vejam o ar vaidoso com que êle passeia no triciclo!

VAI entrar num filme, o Wendy Will! Mandam-se de inveja muitas meninas que têm essa mania e ainda não conseguiram realizar os seus sonhos!

E é um cão, o Wendy Will! Mas um cão inteligente, que anda no baloiço, sabe matemática, e anda de triciclo na perfeição!

O dono, P. G. Brown, tem muita vaidade nêle. E, agora, vai ter, também, algum lucro, pois o Wendy Will vai entrar no filme «Elas eram irmãs», e com um belo contrato!

Quanto não daria a leitora para ter um cão dêstes?...

O dono atira-lhe uma bola e êle apanha-a e atira-a, por sua vez, com êste aparelho!

| | | |
|---|---|---|
| Medicinal pequena | — tubo | 11$00 |
| Medicinal grande | — tubo | 17$50 |
| Vulgar pequena | — tubo | 4$00 |
| Vulgar grande | — tubo | 7$00 |

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

*Depósitos:* **Cada caixa 3$00**

Lisboa—*Largo do Contador Mór, 4-A*

Porto—*Largo de S. Domingos, 108*

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

## CAPÍTULO XXVII

## A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

**Uma reünião de Ministros, em Vichy. Da esquerda para a direita: — Huntziger, Alibert, Pétain, Boudouin, Darlan, Caziot, Peyrouton, Laval, Bouthillier e Belin.**

NA situação e na posição da França, tanto sob o ponto de vista interno como sob o ponto de vista externo, produziram-se profundas modificações em consequência do desembarque dos Aliados no Norte de África. Esse não foi, certamente, dos resultados menores nem menos importantes do referido desembarque. Por um lado, o sistema de relações entre o governo de Vichy e os alemães alterou-se radicalmente, tendo o governo do Reich ordenado a ocupação da totalidade do território francês em contravenção do disposto nas cláusulas do armistício de 22 de Junho de 1940. Por outro lado, as relações entre os Aliados e a resistência francesa, entendendo-se por esta designação todos os elementos que, dentro e fora da metrópole francesa, se opunham à política de colaboração, elementos que eram da mais diversa origem e tinham as mais diversas, e por vezes antagónicas, tendências, as quais iam da extrema direita à extrema esquerda, entraram numa fase inteiramente nova, a qual levaria algum tempo antes que se esclarecesse completamente.

Pela sua posição geográfica, pelo seu valor relativo, mesmo depois da derrota, pelo peso das suas tradições, pela existência do seu Império colonial e pelo brilho da sua irradiação espiritual no mundo, a França continuava a ser um factor de importância decisiva no equilíbrio geral das forças em presença. A atitude da sua população era, por tôdas essas razões, cuidadosamente estudada pelos dois grupos de beligerantes e as reacções dessa população consideradas como um elemento da apreciação indispensável para se fazer, com fundamento, o balanço objectivo das realidades políticas e militares de cuja evolução ia depender a decisão do conflito.

Não admira, assim, que depois do desembarque a França tenha readquirido, apesar das profecias pessimistas de algumas individualidades da maior categoria internacional, uma grande parte da importância que a derrota lhe fizera perder.

OS SENTIMENTOS DA OPINIÃO PÚBLICA FRANCESA PERANTE A EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS E MILITARES

Entre a data da derrota, em Junho de 1940, e a data do desembarque no Norte de África, em Novembro de 1942, a opinião pública francesa evolucionara de maneira decisiva. Os seus sentimentos profundos haviam sofrido, durante êsses dois anos, uma transformação radical. Pode dizer-se que, em dois anos, a França transitara da colaboração para a resistência sem que nada pudesse deter essa tendência.

A política de Montoire, esbocada pouco depois da derrota sob a égide do marechal e do prestígio nacional de que a sua personalidade se rodeara, malograra-se de maneira irremediável. A partir de certo momento, a consciência nacional, afrontada pelos actos dos alemães começou a considerar a colaboração não como uma atitude política compreensível mas como um crime de traição. Pelo contrário, o movimento de resistência começou a tomar forma e a organizar-se, apesar da vigilância das autoridades de ocupação e de repressão dos elementos afectos ao govêrno de Vichy, os quais, por sua vez, evolucionavam da colaboração teórica para o serviço dos inimigos da sua pátria.

As repercussões do movimento transformador pelo general De Gaulle, que, dada a circunstância de estar fora do território francês representava, durante muito tempo mais uma esperança de que uma realidade política, efectiva, tornaram-se maiores à medida que os acontecimentos justificavam as previsões e a decisão do seu chefe e inspirador da primeira hora. Mas a justiça do tempo não bastava para dar remédio a muitos dos inconvenientes que resultavam das condições difíceis em que o movimento da França Livre era obrigada a defender os interêsses permanentes e tradicionais daquele país. As dificuldades com que êle sempre havia lutado, desde a incompreensão de muitos dos seus compatriotas até à incompreensão de muitos dos seus aliados, longe de se dissiparem completamente com o desembarque, agravaram-se sob certos aspectos.

AS RELAÇÕES ENTRE O GOVERNO DE VICHY E AS AUTORIDADES DE OCUPAÇÃO

Do desembarque resultara, porém, um benefício positivo e real. No seu conjunto, a nação francesa adquirira uma consciência nova das suas possibilidades concretas de rehabilitação e voltara a alimentar esperanças fundamentadas no futuro, por muito que tivesse de sofrer ainda, antes de ver realizadas as suas aspirações.

Com o desembarque no Norte de África, as relações entre o governo de Vichy e as autoridades de ocupação agravaram-se sensivelmente. A desconfiança das autoridades de ocupação aumentou e, com ela, as medidas de vigilância intensificaram-se em proporções excepcionais. O desembarque no Norte de África fôra, efectivamente, um golpe rude, não apenas na política de colaboração mas na estratégia totalitária, o que era incomparàvelmente mais grave.

Os chefes militares alemães compreenderam que todos os seus planos estavam irremediàvelmente prejudicados e que havia que enveredar por um caminho novo e que preparar novas condições para que a defesa da fortaleza europeia, idéia que pela primeira vez começou a ser posta, se realizasse com eficácia. A muralha sul dessa fortaleza ficava, porém, imediatamente ameaçada pelo poder aéreo-naval das potências anglo-saxónicas, cuja acção não tardaria em fazer-se sentir.

A ocupação da totalidade do território francês e o afundamento da esquadra francesa em Toulon foram as primeiras manifestações ostensivas do mau humor dos dirigentes alemães, os quais consideravam que a cumplicidade das autoridades e dos elementos militares que estavam encarregados de acautelar a soberania da França no Norte de África fôra o elemento fundamental de cuja intervenção dependera o êxito do desembarque Aliado. A êsses actos de força oficiais se seguiriam de forma a tornar a autoridade do govêrno de Vichy uma sombra vaga e, por fim, um símbolo sem qualquer significação prática.

O MOVIMENTO DA FRANÇA LIVRE PERANTE AS NAÇÕES UNIDAS

Como já tivemos ocasião de dizer, o episódio Darland e a série de incidentes a que êle deu origem, levaram o movimento da França Livre a formular um enérgico protesto contra a atitude das potências anglo-saxónicas e especialmente dos Estados-Unidos. Esse protesto revelava a existência, entre os meios franceses opostos à colaboração, de uma desconfiança compreensível e justificada. Perante essa reacção, que se afirmou desde o início de maneira vigorosa e ostensiva, a atitude dos governos de Londres e de Washington não foi a mesma.

Enquanto os círculos dirigentes norte-americanos perfilhavam os sentimentos de dúvida que o presidente Roosevelt nunca ocultara em relação ao degaullismo, e sobretudo à personalidade do general De Gaulle, suspeito do delírio de cesarismo, os meios políticos de Londres mostraram-se mais compreensivos perante as manifestações de ressentimento a que a solução política encontrada para resolver os problemas políticos suscitados pelo desembarque aliado.

Em Washington, a Administração e o Departamento de Estado perfilhavam as concepções de Robert Murphy, a quem não podiam deixar de provocar um sentimento crescente de mal-estar entre os chefes da emigração e da resistência francesa. Em Londres, a autoridade de Churchill e a boa vontade de Eden constituiam um antídoto poderoso para as sugestões interessadas que a fermentação dos partidos e dos interêsses que se afrontavam no Norte de África tão vivamente provocava. Esta divergência fundamental seria habilmente aproveitada pelo general De Gaulle e pelos seus colaboradores para fazer triunfar, ao fim duma tarefa árdua e prolongada, os seus pontos de vista.

*(Continua)*

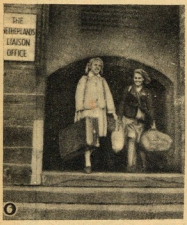
Pétain, chefe do Estado, no seu gabinete de trabalho, em Vichy. De pé o seu secretário, general Lamy.

De Gaulle ardanado pelo povo.

1) Em Bamberg, as duas garôtas acamaradam com um soldado americano.

2) Boa viagem, e sejam felizes! — diz-lhes, à despedida, o capitão Robert Christy, comandante do campo de Bamberg...

3) Fazem-lhes um minucioso exame médico...




6) E aí vão!...

7) As duas garôtas juntam-se a um grupo de crianças holandesas que regressam ao lar!

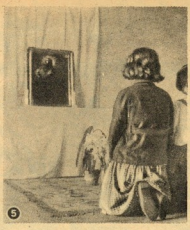
8) Adeus, Alemanha! Não nos deixes saüdades!

11) ...e a um exame para se verificar que não sofrem de doenças contagiosas!

12) Ansiosas para regressar a casa, pedem uma «boleia» na estrada...

13) Os moinhos dizem-lhes que, realmente, já estão na sua Holanda!

4) ...e tomam uma chávena de chocolate.



5) Uma última prece antes da partida!

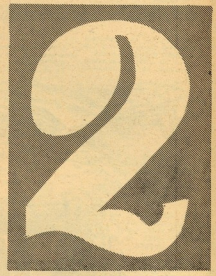
9) Enfim, a Holanda! A viagem durou 60 horas! Aqui as vemos, num campo de repatriados.

10) São sujeitas a uma rigorosa desinfecção...

14) A mãe de Hanni, recebeu de ser acusada de colaboracionista, recebe friamente sua filha.

15) Triste pela sorte do amigo, Pony decide ir logo para a sua casa em Lieden.
E aqui estão, juntos, e tristes, muito tristes por o mundo ser tão mau!

## É A GUERRA!



# GAROTAS HOLANDESAS

## ATRAVESSARAM A EUROPA

## PARA CONSEGUIREM REGRESSAR A CASA!

JOANA Gecher e Pony Singerling, são os nomes das duas raparigas.

Ambas foram levadas, quando da invasão do seu país, para herdades holandesas. Mas os alemães resolveram, depois, mandá-las para o sul da Alemanha.

Aí estiveram as duas pequenas, que são filhas, uma dum carteiro de Amsterdão, e outra dum negociante de sucatas de Roterdão, até que os americanos chegaram.

Finalmente, bem tratadas pelos soldados aliados, as raparigas tomaram coragem e resolveram pôr-se a caminho da Pátria.

Mas aí, onde esperavam ser recebidas de braços abertos, tiveram uma grande decepção: — as famílias tiveram mêdo de ser tomadas como colaboracionistas, visto as suas filhas terem vindo do coração da Alemanha...

Do coração da Alemanha — apesar de, nos dias negros e tristes do exílio e depois, e sempre, trazerem no coração a Pátria, a martirizada Holanda que o mundo inteiro olha hoje com admiração e respeito!

*

Esta é, a largos traços, a história das duas garôtas holandesas.

Mas, como estas duas, quantas por êsse mundo fora viveram, longe da Pátria, as horas trágicas do infortúnio e da derrota!

VINHO
do
PÔRTO

# PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Tôda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º - LISBOA

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 34 — *Por António S. Miguel* (Lisboa)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Fileira de árvores; irra! 2 — Saúdação; contrat allança. 3 — Artigo (pl.); louco (pl.); artigo antigo. 4 — A que recebe. 5 — Sádio; membro das aves. 6 — Entrega; lírio. 7 — O que legísla. 8 — Consoante e vogal; osso da bacia; nome antigo da nota musical «dó». 9 — Salas (inv.); plano. 10 — Nivelar; triturar.

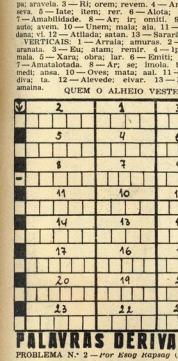
VERTICAIS: 1 — Empresar. 2 — Ali; igreja episcopal (pl.); doer; apelido. 3 — Chama; actuavas. 4 — Que é do ar; apelido. 5 — Prefixo desagnitivo de separação; sim. 6 — Pátria. 7 — Mulher que compra e vende roupas usadas (inv.); atar. 8 — Modos de andar; que tem bastante idade. 9 — Batrásquio; época; estou; duas vogais. 10 — Limpar de lagartas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 33

HORIZONTAIS: 1 — Ameixa; adoram. 2 — Roupas; aravela. 3 — Ri; orem; revem. 4 — Ara; amas; seva. 5 — Inv; iter; ter. 6 — Alota; em; da. 7 — Amabilidade. 8 — Ar; ir; omiti. 9 — Mar; aito; avem. 10 — Unem; mala; ala. 11 — Ramal; dana; vi. 12 — Atilada; astan. 13 — Sarará; calara.

VERTICAIS: 1 — Arvala; amara. 2 — Moira; aranata. 3 — Eu; atam; remir. 4 — Ipo; elal; mala. 5 — Xara; obra; lar. 6 — Emiti; um; dá. 7 — Amatalotada. 8 — Ar; se; Imola. 9 — Dar; medi; ansa. 10 — Ores; mata; aal. 11 — Rever; diva; ta. 12 — Alevede; eivar. 13 — Mamara; amaina.

QUEM O ALHEIO VESTE



## PALAVRAS DERIVADAS

PROBLEMA N.º 2 — *Por Eng. Itapoan* (Covilhã)

ENUNCIADO

1 — Árvore de madeira avermelhada, da Ilha de S. Tomé. 2 — Universo. 3 — Pronome indefinido. 4 — Peças de madeira em forma de madeiro com que se guarnecem os vãos das janelas. 5 — Planta viváz e medicinal. 6 — Peça de latão com que se encadernadores douram os livros. 7 — Alentada. 8 — Tecido ligeiro de seda ou de lã. 9 — Malogra. 10 — Carímbo. 11 — Nome masculino. 12 — Tecidos finos como escumilha. 13 — Artéria. 14 — Árvore do Brasil. 15 — Frívolo. 16 — Hálito. 17 — Que tem poros. 18 — Líquido que se separa dos grumos do sangue depois de coagulado. 19 — Pé dáctilo ou espondeu no verso hexámetro dactílico. 20 — Tailem. 21 — Espécie de catapulta. 22 — Parelas. 23 — Sala grande. 24 — Elogios.

*Nota* — Na composição dêste problema foi adoptado o dicionário de Francisco Torrinha.

SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 1 (Ensaio)

D. Hermínia Folgosa, João Folgosa Ruas, José Luís da Cruz, Fortes Marimont Machado, António Ilídio Assis da Veiga (todos de Lisboa) e Seven (Aveiro).

RECTIFICANDO

Por êrro tipográfico, no nosso n.º 223, de 23/8/48, apareceu a palavra *xadrez* e o respectivo diagrama, na parte reservada ao Jôgo das «Damas» e no sítio onde devia estar o xadrez apareceu a palavra «Damas» e o diagrama dêste jôgo. Feita esta emenda, tudo fica certo.

## DAMAS

*(Secção espanhola)*

Orientador: *Dr. Carlos R. Lafora* (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 69 (Problema)

*«La Provincias», 24/3/945*
*(Las Palmas — Espanha)*

*Lema: «Cádiz»*

Mate em 4.

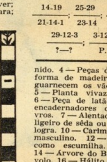
*(Secção portuguesa)*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 33

| | | | |
|---|---|---|---|
| 14-19 | 25-29 | 6-10 | 16-20 |
| 21-14-1 | 23-14 | 14-5 | 24-15 |
| | 29-12-3 | 3-12 | |
| ?—? | | P. | ganham. |

## XADREZ

PROBLEMA N.º 9
*Por F. J. Ramos — (Évora)*



3x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7
*Por Israel Ferreira*

1. C—d3, C×C; 2. C—f5, e× d3;
2. B×d5+g3; 2. D×h3.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8
*Por Avila da Graça*

1. B—g5, R—e4; 2. T—d6, R—e7 (c5); 2. B—e3 × (mate certo).

*Nota* — Este problema veio publicado com o n.º 7, quando é n.º 8.

## CHARADAS

SINCOPADAS

1) O *miserável* era sem *destino*. — 3-2
Viseu — *Dr. de Cabresto*

2) O *patife* não se distingue entre a *mulidade*. — 3-2
Viseu — *Dr. de Cabresto*

NOVISSIMA

3) Mulher que tem *paizão* pelo *trebalho*, não é *catrópida*. — 2-2
Viseu — *Dr. de Cabresto*

*Solução do número anterior*

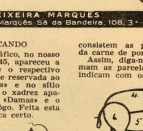
1) Maurí-Mau. 2) Dacomadama. 3) Cegudo-Cede.

## PASSATEMPO

VEJA SE SABE...

Sendo o leitor um bom gastrónomo e admirador da culinária, é necessário que conheça em que consistem as partes essenciais da carne de porco que come.

Assim, diga-nos como se chamam as parcelas de carne que indicam com os números.



1... 2... 3... 4... 5... 6?... 7...?

E claro que sem consultar ninguém, nem nenhum dicionário!

MAÇADA GEOGRAFICA

*Por Casimira Fernanda Teixeira Marques*

*(Dedicada á sua muito amiga e nossa distinta colaboradora, Ex.ma Sr.ª D. Ivone Côrte-Real — Vila Teixeira da Silva (Ballundo), Angola.)*

| | |
|---|---|
| 1) | I |
| 2) | V |
| 3) | O |
| 4) | N |
| 5) | E |
| 6) | C |
| 7) | O |
| 8) | R |
| 9) | T |
| 10) | E |
| 11) | R |
| 12) | E |
| 13) | A |
| 14) | S |

Substituir os pontos por letras, formando as seguintes frases:

1) Um país euro-asiático.
2) Uma cidade de Portugal.
3) Principado europeu. 4) País da Europa. 5) Cidade da Bélgica. 6) País europeu. 7) Cidade de Portugal. 8) País da América do Sul. 9) País situado na Península de Anatólia. 10) Cidade portuguesa. 11) País da Costa Ocidental da América do Sul. 12) Rio da França. 13) País da Europa. 14) Província de Portugal.

A PASSAGEM DO CANAL

*(Problema)*

Para facilitar aos nossos leitores a solução dêste problema, que publicámos em 16/8/945, acrescentamos que qualquer manobra que, possìvelmente, os navios tenham que executar tem de ser sempre feita dentro do respectivo canal.

MAIS VALE TARDE...

No nosso n.º 202 publicámos uma série de colunas e preguntávamos em que estão cram? Resposta: *Jónico*.

Também no nosso n.º 204, publicámos o retrato de um jovem de chapéu alto que preguntávamos quem seria?

Resposta: Eden.

Que nos desculpem os nossos leitores a demora.

AFAIXAÇÃO

*— Es tu em espírito, Oscar! Ah, querido Oscar!... Não devo tardar a ir ter contigo; estou muito doente.*

*— Trata-te, querida; trata-te muito bem.*

FILOSOFIA INFANTIL

*O GAROTO — O que nós vamos rir, papá, quando recordarmos isto daqui a vinte anos.*

NO MANICÓMIO

*— ...E um enfermo que sempre sonhou ter automóvel.*

FENÓMENO INEXPLICAVEL

*— Juro-te, Vicente, que ôperas mels a primeira velocidade!*

ELLAS RAMES TAL COMO NOS APARECE NO NOVO FILME «A INDOMÁVEL». QUE DIZEM, LEITORES!

(Foto R.K.O.)

* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2.º * LISBOA * TEL. 2 5844 *
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), L.da * T. DA CONDESSA DO RIO, 27